

Vias da História Pública: novos caminhos e experiências

André da Silva Alves¹

Kailhaine Ketilli Felix Santos²

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Bolsista IT Fapitec/SE. E-mail: andredelox@academico.ufs.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3420856890014105>.

² Graduanda em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Bolsista IC, Fapitec/SE. E-mail: ketellyrusso60@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5731987706992175>.

Resenha de: FRANÇA, Cyntia Simioni; SILVA, Daniel Ferreira da; GRANADO, Helena Ragusa; SILVA, Marcelo de Souza (Orgs.). História Pública e a arte de mediar o passado: um caminho, muitas vias. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.

A História Pública pretende realizar uma abordagem histórica além da teoria, com usos não só no âmbito acadêmico, mas extrovertendo conteúdo e metodologias para a sociedade. Agregou bastante ao se associar à perspectiva de uma História Pública Digital, favorecendo a divulgação do conhecimento historiográfico nos espaços sociais, de debates e opiniões públicas com mais constância. Assim, o conhecimento histórico é transmitido de forma mais efetiva, promovendo o engajamento na sociedade e, por isso a História Pública Digital se mostra importante tanto no cenário acadêmico quanto fora dele.

A obra *"História Pública e a arte de mediar o passado: um caminho, muitas vias"*, organizado por Cyntia Simioni França, Daniel Ferreira da Silva, Helena Ragusa Granado e Marcelo de Souza Silva, historiadores e historiadoras que, dedicam suas pesquisas a partir das discussões da História Pública, a partir da compilação de diferentes trabalhos nos apresentam pesquisas de grande contribuição ao campo. Dividida em duas partes, na primeira, intitulada "História Pública por diversas vias", dispõe de seis capítulos que congregam análises do fazer histórico no viés da História Pública, trazendo aos/as leitores/as reflexões sobre os desafios historiográficos na contemporaneidade.

O capítulo 1 *"História Pública Digital: cooperação e colaboração em duas experiências acadêmicas propositivas"*, de Jorge Pagliarini Júnior e Marcos Meinerz, parte da experiência da docência com o desenvolvimento de um olhar crítico sobre a *internet* para que, com os devidos cuidados, não sejam deixadas de lado as vantagens das mídias digitais.

Considerando as várias formas de tratar a História Pública na sociedade atual, é de fundamental importância mencionar o aporte metodológico de quem vai trabalhá-la, pois não basta usar qualquer ferramenta digital para realizar a produção midiática de conteúdo histórico. Portanto, no capítulo 2, de Marcelo de Souza Silva e César Agenor Fernandes da Silva, em *"A Produção de podcasts de*

História e a História Pública no Brasil na última década" e no capítulo 3 "O vodcast como novo espaço para historiadores: construção de uma história participativa e narrativas humanizadas no ambiente digital", de Daniel Ferreira da Silva, se apresentam as possibilidades da difusão de conteúdo historiográfico por meio de *podcast*. Isto posto que as ferramentas midiáticas de áudio e vídeos em *podcasts* e *vodcasts* eram há um tempo atrás percebidas como "fora dos padrões" e inacessíveis ao público, quer por não serem conhecidas na época, quer por não serem compatíveis com a velocidade da *internet*. As limitações nos servidores, que não possuíam tecnologia adequada, inviabilizavam o download do conteúdo em si ou apresentavam instabilidade para assistir ao vivo caso fosse transmitido. Na atualidade as tecnologias sofisticaram-se para o consumo desse conteúdo, portanto, ele se torna uma ferramenta crucial na entrega da História Pública, utilizando uma ferramenta midiática muito popular nos dias de hoje e revelando uma excelente forma de transmissão de informações.

A potencialidade do audiovisual é impactante na contemporaneidade, resgatando tanto acontecimentos históricos longínquos, quanto mais recentes e alcançando um grande público. De posse disso, o pesquisador pode trazer como conteúdo a visibilidade de culturas e costumes que na sociedade atual estão em esquecimento, tornando-se um dispositivo poderoso de disseminação de expressões regionais sem uma visibilidade notável na sociedade. Tal exemplo é evidenciado no capítulo 4, de Carlos Augusto Lima Ferreira, em "A teia das narrativas: o documentário e a História Pública" que expõe a importância do recurso audiovisual em um documentário que retrata culturas que estavam esquecidas, e com o áudio visual as pessoas alcançaram maior representatividade. Essa ideia geral também está presente no capítulo 6 "Minhas Mãos, meu Pandeiro: um documentário sobre Jorginho", que apresenta um documentário vinculando a História Pública e as memórias musicais do choro no

pandeiro na primeira metade do século XX, para depois transformarem essa memória em ensino de História no século XXI.

O capítulo 5, escrito por Janaina Cardoso de Mello, Rafael Santa Rosa Cerqueira, Wilton Santana Silva e Lucas de Jesus Santos, "*Por uma Didática Histórica Crítica Digital. O uso de Inteligência Artificial no Ensino de História*", aborda os desafios da era digital e seus efeitos na sociedade. Mesmo com os benefícios da História Pública acessível no âmbito digital, não é incomum encontrar resistência dos profissionais no ensino do conteúdo neste viés. Todavia, o enfrentamento da pandemia e a popularização do acesso à Inteligência Artificial tem promovido mudanças no ofício de pesquisadores e professores. A academia ainda permanece, por vezes, engessada em olhares tradicionais, embora se perceba novas perspectivas em alguns profissionais no contexto da imersão no meio digital, devido às vantagens que as ferramentas tecnológicas proporcionam à pesquisa e ao ensino. Ao caminharmos a passos rápidos para outras formas de comunicar o conhecimento, mesmo não agradando a todos, estas integram uma realidade social cada vez mais onipresente.

A segunda parte do livro "História Pública, Memórias e Partilhas de Experiências" objetiva ampliar o debate sobre a utilização da memória na produção da História Pública através de experiências diversas ao redor do globo. No capítulo 7, Joana Dias Pereira, em "*História Pública em Portugal: uma genealogia revolucionária*", se discute como a atual história pública portuguesa voltada para os estudos da memória tem origem na resistência ao Estado Novo (1933-1974) e na Revolução dos Cravos (1974). Compreendendo que a história pública deve ser produzida não só sobre o público, mas para e com ele, se reflete como os historiadores portugueses usam o viés da história pública, durante o regime ditatorial salazarista, para produzirem obras para e com o público não

acadêmico que contrariassem a mistificação do regime sobre o passado português.

O capítulo 8, escrito por Rogério Rosa Rodrigues, intitulado *“A história vista do meu canto: humanos e não humanos no ensino de história”* apresenta uma vertente não convencional da história pública através de um documentário. A produção audiovisual explora os pormenores da Guerra do Contestado – conflito entre Santa Catarina e Paraná que se estendeu de 1912 a 1916 –, narrada ineditamente por seres não humanos, como animais, pedras e plantas. Tendo como objetivo suscitar a discussão da necessidade de se pensar o campo da história pública alinhada ao ensino, a construção do documentário teve um árduo trabalho de pesquisa com a participação da comunidade escolar e usou como fontes as narrativas locais, documentos oficiais e registros visuais.

Partindo novamente ao cenário internacional, Yuri Manuel Francisco Agostinho, no capítulo 9 *“História pública em Angola: um campo por se fazer”* discute as possibilidades da construção de uma História Pública institucionalizada em Angola. Remonta ao atual cenário de Angola, em que por não ser institucionalizada, a história pública do país ainda é entremeada por disputas de narrativas dos líderes políticos pelo poder. Afirma-se que através do ensino de História Pública nos museus, salas de aula e demais espaços pedagógicos e culturais a história pública angolana pode emergir como prática democrática.

O capítulo 10, Maria Sílvia Duarte Hadler e Arnaldo Pinto Junior *“Um patrimônio para chamar de nosso: notas sobre história local, memórias e experiências coletivas”* apresentam os projetos de extensão desenvolvidos nas escolas públicas de Campinas (SP), que objetivam promover o ensino de história a partir das histórias locais, estimulando os participantes a se autoidentificarem como sujeitos históricos que possuem uma história individual e coletiva. Para isso, se discute a necessidade de análise das categorias homogeneizantes que

definem o que deve ou não ser um patrimônio cultural, critérios que elegem muitas vezes patrimônios descolados da realidade sociocultural e econômica da população urbana.

Voltando às reflexões internacionais, o capítulo 11, de Inácio Márcio de Jesus Fernando Jaquete e Cardoso Armando, *"História pública: um campo de reflexão e ação pensado com e para os moçambicanos"* combina as categorias da História Pública que visam à construção de histórias com e para o público. Se apresenta a pesquisa "Interpretação da dança Nacula: Uma contribuição para o ensino da História Local do posto administrativo de Mutuali (1985-1990)". A investigação, desenvolvida em Moçambique, traz a análise da história local da província de Nampula, no distrito de Malema. Instiga-se a produção de história pública com e para a comunidade e não apenas sobre ela.

O capítulo 12 *"Uma experiência coletiva de história pública: a construção do site Cultivos Rurais de Araruna-PR"*, de Gabriel Henrique de Souza Cyntia Simioni França, contém uma viagem ao interior do Paraná, à cidade de Araruna. Compartilha o processo de criação do site Cultivos Rurais de Araruna, iniciativa que visa resistir ao apagamento das especificidades locais dos trabalhadores rurais da história da localidade. Utilizando a memória como instrumento de produção histórico, a pesquisa de criação do site foi feita coletivamente com a participação direta dos trabalhadores rurais envolvidos na empreitada. É um esforço de discutir a necessidade de se produzir uma história pública em que o "público" não seja mera plateia na produção do saber sobre si.

Referências

FRANÇA, Cyntia Simioni; SILVA, Daniel Ferreira da; GRANADO, Helena Ragusa; SILVA, Marcelo de Souza (Orgs.). **História Pública e a arte de mediar o passado: um caminho, muitas vias**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024.